

148

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO

3

Movimento

CINEMA
ARTE
ELEGANCIAS

É desportista ?

É do Norte ?

Compre ———
CAFÉ CAMPEÃO

CASA HOLANDEZA
Waldemar & C.^a
Rua Fernandes Tomás



**Mary Carlisle demonstra
pela comparação dos ta-
manhos, a importância do
telefone na vida actual.**



*uma
maravilha*



Isochrom-film

23°Sch + ultra-sensível

Nunca peça uma "película" qualquer,
peça sempre "uma película Isochrom Agfa"

ESCLARECIMENTO

Certos críticos de café teem espalhado por aí, com mal disfarçado azedume e transparente má intenção, certas atoardas a nosso respeito, que convém desde já aclarar. Não vamos evidentemente responder à letra a essas insidias — que não conseguem atingir-nos, dada a conhecida inferioridade mental de quem as profere. Procuraremos apenas repôr as coisas no seu lugar, para que as pessoas honestas, — as únicas cuja amisade nos interessa — não possam formar de nós, por efeito conjugado dessa campanha e do nosso silêncio, uma opinião errada.

Nós não fundamos esta revista com a pretensão de que vinhamos ungidos pelo Senhor e revestidos de uma infalibilidade irrecusável, ditar leis, com ares professorais, sôbre coisas de cinema, porque não nos cegava a tal ponto a vaidade e o orgulho que injustamente nos atribuem que não soubessemos que antes de nós muitas pessoas tinham escrito sôbre cinema, com uma inteligência e uma competência, que não seria lícito encobrir. E não tínhamos essa pretensão, porque era precisamente contra os dogmatismos da crítica, contra a pseudo-infalibilidade de certos críticos que nós, em primeiro lugar, nos insurgiamos. Quando o *Movimento* apareceu, havia em Portugal — e continua a haver infelizmente — de par com alguns jornalistas cinematográficos de real valor e que se podem contar pelos dedos, uma quantidade deplorável de plumitivos que estadeiam por essas gazetas uma lamentável ausência de cultura, de bom gôsto e de escrúpulo profissional, de tal forma que a crítica se tornou geralmente entre nós — tenhamos a coragem de o afirmar com desassombro — ou supinamente parva ou escandalosamente venal. Foi contra êsse aspecto inferior e mercantil do jornalismo cinematográfico que terçamos as nossas primeiras armas, com um vigôr de que não nos arrependemos ainda e que estamos dispostos a redobrar se as circunstâncias a isso nos impelirem.

Mas, não vão, por êsse motivo, todos os jornalistas e críticos cinematográficos do país «enfiar a carapuça», como vulgarmente se diz, atribuindo-nos o propósito que nunca tivemos de enxovalhar de um modo geral a imprensa — cuja nobilíssima função social não ignoramos e tanto assim que a desejaríamos ver expurgada de todos êsses inferiores e mal intencionados que a poluem e aviltam.

Não nos move o prazer demoníaco de dizer mal e é sempre com o maior desgôsto que temos de apontar defeitos onde não quizeramos ver senão qualidades. Não somos elementos de discórdia nem sentimos o desejo ridículo de suplantar ninguém, e gostaríamos de viver na melhor harmonia e camaradagem com todos os nossos colegas, desde que êstes estejam dispostos a chamar à ordem os transviados, concorrendo assim para o saneamento intelectual e moral do jornalismo português — condição indispensável para que o público possa voltar a tomá-lo a sério. Não vimos, por vaidade, exibicionismo, ou simples irreverência atacar os outros sistematicamente. Entendemos que uma leal cooperação ou pelo menos uma cortez deferência deveriam presidir sempre aos nossos actos e não recorreremos à violência senão quando ela se torne o último recurso. Não somos fanfarrões de feira, mas somos pessoas conscientes, servindo um pensamento claro numa trajectória determinada e cuja dignidade não permite suportar ataques desleais de quem intelectualmente lhes seja ainda inferior. Na vida literária como na vida social não somos azedos nem cordeais por sistema. Para tratar bem os outros — exigimos antes de mais nada que os outros nos tratem bem a nós. E não atingimos ainda a perfeição cristã de oferecer a face direita quando nos esbofeteiem a esquerda — como ensinava Jesus sem restrições, talvez por prêgar numa época em que ainda não havia jornalistas... Não estamos, finalmente, dispostos a ocupar o nosso lugar por favor. Marcamos desassombradamente a nossa posição e nela nos conservaremos com firmeza, mantendo com tôda a gente boas ou más relações, conforme as circunstâncias determinarem.

Temos pessoalmente pelo jornalismo a maior consideração — mas não podemos deixar de desprezar certos processos torpes — que Balzac immortalizou nas «*Illusions Perdues*» — e pelos quais nutrimos a mais profunda aversão.

Faça-se jornalismo inteligente e leal. Discutam-nos, se quizerem, com ideias e boa educação, que nós daqui lhes responderemos da mesma forma. Mas ninguém nos obrigará a esgrimir com pessoas sem a indispensável categoria mental para discutir comnôscos.

E ninguém poderá igualmente extranhar que achemos imensamente pitoresca e divertida a atitude olimpica de certos primários, que olham para nós por cima do ombro como se realmente possuíssem o valor pessoal que a sua incomensurável vaidade — e só ela — ingenuamente supõe.

CONSTRUIR

Eu faço parte do infelizmente reduzido número de pessoas que olham o cinema como uma coisa séria, muito séria mesmo.

Acho já desnecessário insistir no seu valor como propagandista, como conferente como professor, como repórter, ou, simplesmente, como arte plástica: toda a gente deve estar, já, convencida disso.

Simplesmente entendo que se deve discutir, criticar e possivelmente orientar a produção cinematográfica.

O cinema — e isto até o conselheiro Acácio o afirmaria — tanto pode ser um inestimável elemento de civilização como um indesejável propagandista de ideias nefastas.

Assistimos presentemente ao lançamento dos alicerces duma nova civilização, que se vai erguendo sobre os destroços doutra civilização que baqueia e que se torce dolorosamente num último espasmo.

Chocam-se as ideias mais opostas, e todos, a seu modo, se interessam pela luta.

O cine, o mais assimilável, um dos mais belos meios de propaganda que possuímos, não pode de forma alguma quedar-se indiferente, de braços cruzados.

Sejam quais forem as orientações que vençam, quer o homem seja reduzido aritmeticamente ao valor pré-calculado de mero segmento da máquina social, quer conserve a sua dignidade e poder de criação individuais, o cinema tem de intervir nessa esplendida luta, e é necessário que consiga reivindicar para si um lugar de harmonia com as suas possibilidades.

Os Russos foram os primeiros a compreendê-lo; depois, os Americanos que pelo celuloide, como quem não quere a coisa, vão fazendo a propaganda dos seus autos, das suas grafonolas, dos seus aviões, dos seus aparelhos de rádio e..... também..... duma civilização que merece com justiça todas as considerações de Duhamel.

Mais recentemente a Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler servem-se do filme para a propaganda dos seus princípios.

Independentemente de orientações colectivas, é bom frizar, entre outros, os esforços de Pabst, de Clair e até mesmo de Chaplin, como valiosíssima obra demolidora e por isso, implicitamente, construtora.

No campo sociológico, para se construir, tem de se começar por — destruir.

Citarei ainda Leontine Sagan, que nos deu um filme espantoso, por onde perpassa o estremecimento subtil duma sensibilidade esquisita, e que é, ao mesmo tempo, uma obra terrivelmente demolidora e fortemente construtora.

E se algum defeito se pudesse apontar a êsse extraordinário «Raparigas de Uniforme» seria o citado pelo camarada Juan Piqueras: o facto de não ser suficientemente violento, ou melhor, a possibilidade não aproveitada de o ser mais ainda.

Do que fica dito pode deprender-se que eu reclamo um cine que contenha sempre e exclusivamente a propaganda duma ideia ou um fim educador.

Mas não é assim.

Compreendo e defendo a existência dum cinema meramente recreativo, de que são exemplos admiráveis as farsas de Harold, de outros cómicos e algumas deliciosas fantasias, quasi sempre de origem europeia.

Mas sempre que o cinema aborde um assunto sério, seja de ordem moral, psicológica ou política, é estritamente necessário que êsse assunto seja tratado da forma porque o deve ser.

O cinema, em contacto permanente e directo com a juventude de todo o mundo, tem de não se limitar a transmitir a essa juventude simples sugestões de elegância, mas antes começar a prepará-la para a vida, para o trabalho, para a saúde e para o amor.

E quando assim acontecer, terá o cinema a seu cargo a mais bela missão: construir sólidamente o futuro dos cérebros e dos corpos jovens.

f e r n a n d o b a r r o s

CINEMA, MUNDO DO INSTANTE

El cinema posee, sobre todas las demás, una razón de sincronismo que le une estrechamente a nosotros; y es que tiene más o menos la edad del siglo, tiene nuestra edad. En su coetaneidad con nosotros, su instantismo, su presentismo; en suma, lo que yo vengo designando pertinazmente con un helenismo sabroso: su nunismo (de nun momento).

Guillermo de Torre.

«Cent mondes, mille mouvements, um million de drames entrent simultanément dans le champ de cet œil dont le cinéma a doté l'homme. Et cet œil est plus merveilleux, bien qu'arbitraire, que l'œil à facettes de la mouche. Le cerveau en est bouleversé. Remue-ménage d'images. L'unité tragique se déplace. Nons apprenons. Nous buvons. Ivresse. Le réel n'a plus aucun sens. Aucune signification. Tout est rythme, parole, vie. Il n'y a plus de démonstration. On communique».

Isto que em 1921 escrevia Blaise Cendrars, é hoje ainda mais verdadeiro que então, porque em 10 anos o mundo do cinema viu o que era possibilidade transformar-se em precisas imagens. Fala-se talvez demasiado em cinema puro—oh esta observação cristã da pureza!—o qual é puro e impuro, ou antes, nem puro nem impuro, expressões de empréstimo que não vêm aqui fazer nada, senão atrapalhar; jogos de Bolsa dos estetas. Na Rússia têm nascido muitos sóis, desde a Revolução. Quando é uso falar só em opressão, eu não posso esquecer que de lá nos vem o mais fecundo vento de liberdade que até hoje tem fecundado a evolução da arte do cinema. Enquanto pela Europa e pela América escorre a monotonia do cinema comercializado, quebrada aqui e ali por raras tentativas de autonomia que são logo asfixiadas, da U. R. S. S. chegam-nos, ainda que raros e mutilados, suficientes testemunhos de que lá o cinema é qualquer coisa de vivo, animado pela força dalguns criadores de génio, e sustentado pela fé dum povo que nasce para viver e não para dormir. *A mãe, A linha geral, Calvário, Tempestade sobre a Ásia*, etc., são filmes que não nos impressionam só pela interpretação, ou só pela beleza das imagens, ou só pela montagem, ou só pelo assunto, mas por tudo isso juntamente, e pela sua independência ante as outras artes; em suma, pela sua enorme realidade como cinema.

Recentemente, Eisenstein deu-nos *Romanza Sentimental*; ensaio sono-visual, como lhe chamou, é uma das duas primeiras tentativas de harmonia sono-visual que se exibiram em Portugal (isto é: de harmonia do som e da imagem independentemente de qualquer imitação da realidade; harmonia sob o ponto de vista artístico). Não se pode dizer que Eisenstein tenha tentado o contraponto do som e da imagem. Mas sim, como éle próprio o disse, harmonizar os dois elementos para exprimir vários estados da alma e da natureza, que vão da melancolia à alegria triunfante, do outono ao verão. É um contraponto, sim, mas de sentimentos humanos e de aspectos da natureza. O que Eisenstein procurou, a meu ver, foi conseguir a máxima intensidade pelo uso conjugado de sons e de imagens. E de tal modo o consegui, que nós chegamos a não poder distinguir a tristeza da mulher cantando aquela romanza tão saudosista (¿ quando se estudarão as afinidades das músicas populares russa e portuguesa?) da melancolia de certas imagens outonais... A música de Arcadievtch, que comenta as imagens de exterior do filme, não a podemos considerar senão como uma acentuação—acentuação admirável, diga-se de passagem. Mas a romanza, essa, dá-nos por assim dizer o sentido do filme. Um purista do cinema dirá talvez que o filme não é cinema senão em dizer; mas quere-me parecer que, muito ao contrário, o seu valor essencialmente cinematográfico está na fusão dos diversos elementos. O cinema é um cadinho que tudo funde, quando aparece um Eisenstein. Foge-se aqui dos caminhos habituais: trata-se de conseguir, independentemente da expressão humana, da máscara, a expressão de sentimentos. Todo o filme, do qual está ausente

qualquer elemento de acção, de intriga, evolui da sombra para a luz, da melancolia para a alegria *gloriosa* — no sentido que tem em inglês na frase *glorious day*, — da natureza moribunda para a natureza que desperta. Notemos ainda que Eisenstein pôs de parte qualquer preocupação de *realismo*: a mulher que canta, aparece-nos vestida de negro; o piano igualmente negro; o salão obscuro; ora, quando a alegria a transfigura, repentinamente, a transfiguração revela-se no seu vestido e no piano, que se tornam brancos e luminosos, e na sua face como que envolta num halo brilhante: Assim, Eisenstein liberta-se de qualquer objectividade; o seu film é *irreal*, e quer a natureza, quer a mulher cantando, quer a música, são elementos que se dobram à sua vontade. Vemos pois que não se trata de psicologia, mas duma síntese natureza-humanidade-arte através da qual Eisenstein aspirou a uma expressão artística que só cinematograficamente se poderia realizar — e que portanto é cinema.

O cinema é fundamentalmente movimento e ritmo. É esta a «lição dos russos», e penso que na *Romanza Sentimental* temos um dos mais perfeitos exemplos de tal verdade. A montagem deste filme é duma tal riqueza de ritmos, duma tal unidade de movimento — lembro a incomparável sucessão de imagens do começo: mar, céu, terra, todo um emaranhado fluir de visões que desde logo nos iniciam no ambiente de todo êle — e que só por si bastariam para fazer merecer o nome de obra prima a êste curto *ensaio*.

Na maioria dos filmes, vemos, com freqüência, como se usam quasi exclusivamente os processos do teatro, ou do romance. Vemos transposições de processos, coisa ainda mais claramente constatável quando se trata de adaptações de romances ou de obras de teatro.

Assim, o que de especificamente novo trouxe o cinema: possibilidade de quasi simultaneamente, ou simultaneamente nos pôr diante dos olhos imagens diferentes, de nos dar em curtas séries de imagens sínteses reveladoras, de nos fazer percorrer em breves momentos um mundo de desconstruídas imagens; de num *primeiro plano* nos poder revelar, num só detalhe de expressão, o que num romance são longas páginas de análise, para o que tem ao seu dispôr a *sobreposição*, o *contraponto*, a deformação, a mobilidade infinita da câmara (qualidade esta que recentemente Jean Epstein destacava num excelente artigo de *Cinéa*), etc., tudo isso o torna o mundo à parte cujos meios de expressão se diferenciam fundamentalmente dos usados no romance ou no teatro. Passou já tempo suficiente para se ver que o cinema é incompatível com o movimento lento, com a «longa permanência», essa longa permanência que caracteriza o romance ou o drama. Nestes tudo é criada analiticamente, se assim se pode dizer, isto é, o artista descreve, dilui em expressão o que nos pretende pôr ante os olhos; ora a expressão dum estado de alma ou duma dada acção, dum gesto, duma ideia, é sempre mais demorada que o relampejar da ideia ou do estado de alma, que a realização do gesto. Isto basta para dar caracteres divergentes ao cinema e ao teatro e romance. O que é possível exprimir diferentemente, dizendo que o teatro e o romance se distinguem do cinema por serem de fundamento psicológico. Ora no cinema o que é psicológico não aparece senão indirectamente: sendo a análise, na literatura, infalivelmente subjectiva, é por assim dizer a tradução noutra lingua das imagens que a vida nos dá; ora o cinema apreende as imagens vivas, antes de qualquer análise, colhe-as repentinamente sem as transpor noutra *linguagem*, está portanto mais próximo da vida — sob o ponto de vista do que existe da vida na imagem, é claro — que o romance ou o teatro. Não se conclua que o cinema *reproduz* a realidade, mas sim que usa dela tal como ela nos é dada, em bruto, por assim dizer; e se o cineasta corta, sobrepõe, reconstrói, não se julgue que por isso o cinema se afasta da realidade. Afasta-se apenas da ordem cronológica, da ordem que a vida tem para o nosso sentido do tempo: mas não se afasta um passo da vida, porque as imagens que colheu só passarão a viver no rectângulo iluminado se êle souber, pela sua escolha, pela montagem, etc., dar-lhes o mesmo calor de existência que tinha a vida que elas fixaram em momentos parados. É preciso sintetizar, refundir, conseguir êsse ritmo que não é o ritmo banal das horas que se sucedem vazias e baças, mas sim o ritmo que só fixa o significativo. É quando num filme nós vemos essa ciência da escolha, que faz parte da ciência da montagem, que nos sentimos ante verdadeiro cinema. Nisso, não se distingue o cinema de qualquer outra arte: em tôdas a realidade, isto é, o mundo tal como nós, por uma opinião colectiva (que talvez seja apenas ilusão), o supomos ser simples e idêntico para todos, não é mais que um alimento a transformar — a digerir — pelo artista. Sob tal ponto visto, o cinema não está mais próximo da realidade que a poesia, o romance, o teatro ou a pintura. A realidade da natureza, a forma visível dos homens e das coisas, é inimitável; é por isso que tôdas as teorias cuja finalidade é provar a possibilidade duma arte *naturalista* ou *experimental* (Zola, por exemplo, e a sua escola), são falsas, porque se baseiam no pretensso axioma de que podemos ser simples máquinas registradoras, simples receptores a transmitir intactas as impressões recebidas. Se o cinema se afasta de qualquer outra arte, é porque, como disse, as suas possibilidades materiais — isto é, as características do material de captação que utiliza — lhe permitem colher directamente um gesto, uma paisagem, uma voz, uma atitude, sem que para nó-lo mostrar necessite de o descrever — e portanto de o comentar. Não; o que o cinema nos dá, quanto aos elementos (quanto à sua coordenação, veremos depois), é anterior a qualquer *opinião*, não depende senão da *camera* e do espectáculo que se lhe oferece. Há um aparelho, um mecanismo funcionando, e diante dêle qualquer coisa que lhe é indiferente,

qualquer coisa que *ignora*. Um romancista só fala do que sabe, do que conhece: tudo o que nos transmite das acções e da maneira de ser das suas personagens, é visto por ele, sentido por ele, participando portanto da sua vida, das suas próprias acções, da sua própria maneira de ser; não colhe, do que se oferece às suas possibilidades de captação, senão o que está dentro dessas suas possibilidades subjectivas. Ora, no próprio acto de *colher*, a *camera* fotográfica não sofre de quaisquer restrições, a não ser aquelas que, impostas pelas suas deficiências, são inevitáveis; mas isso não invalida a sua imparcialidade.

Mas o cineasta *escolhe* aquilo que a *camera* há-de ver. Se se trata de um documentário, ele tem de separar, quer segundo as possibilidades de fotogenia quer segundo os ângulos de visão, quer segundo a sua opinião sobre o seu interesse respectivo, os espectáculos a fixar e os espectáculos a desdenhar. Igualmente, num filme dramático, e em muito maior grau, o cineasta é artista na escolha de mil detalhes: ângulos de visão, fotogenia, etc., mas também gestos e atitudes, ambiente, actores, etc., etc.

Este é o primeiro momento em que o artista é chamado a intervir. Mas depois, ante as imagens fixadas na película, ei-lo ante os problemas da montagem, da demora de cada imagem no *écran*, em suma, ante todo o problema do ritmo. É preciso que cada imagem ocupe o seu *justo* lugar, que demore o tempo *necessário*. O que é *justo* e *necessário*, quem o dirá senão o artista? Não confundamos pois a base de maior realidade sobre a qual é construída a obra cinematográfica, com qualquer arbitrária ideia sobre o seu *realismo*, ou *naturalismo* (para usar termos consagrados no romance). Com risco de me repetir, direi mais uma vez: A característica fundamental do cinema está em nos poder oferecer, aparentemente, tal como nos é dada na vida de todos os dias, a vida humana e a visão da natureza. E por isso mesmo, o cinema tem maior possibilidade de sugestão que todas as outras artes. É mais directo, e direi mesmo, mais humano, porque nos impressiona mais vivamente ver no *écran* luminoso aquela expressão incomparável do homem vivendo, do que lê-la, ainda que admiravelmente expressa, na obra do poeta ou do romancista. Há coisas porém inexprimíveis no cinema: há certas admiráveis *verdades* humanas que permanecem letra morta para o cinema: Por mais vivamente que as imagens nos digam o estado interior dum homem que sofre, dizem-no apenas pela sua expressão e pelos seus gestos, e não saberão dar-nos toda a riqueza das suas emoções, das suas ideias, dos seus desejos, das suas torturas: — da sua vida interior; isso poderá dizê-lo o grande romancista ou o grande poeta. Mas, também, nunca um poeta ou um romancista nos deram, tal como Olga Preobajensky na *Aldeia do Pecado*, a beleza duma seara ondulando ao sol; ou como Eisenstein, na *Romanza*, a tempestade arrancando as árvores e levando tudo no seu turbilhão; etc. Vemos portanto a necessidade de delimitar as possibilidades de cada arte: nada pior, para todas, do que não saber-se onde acabam as suas fronteiras, e tentar-se dizer com os meios duma o que só poderá exprimir-se dentro das possibilidades de outra. Muita vez, ao pretender comparar as artes entre si, cai-se no deplorável erro de as julgar segundo qualquer sua debilidade, quando essa debilidade não é senão uma consequência necessária da sua força; os que assim julgam, vêem sempre todas as artes em função duma só, classificando-as segundo o que elas não têm de idêntico à que se tomou como padrão; mas usando igual processo para cada uma, veremos que, sucessivamente, todas parecem inferiores à que serve de tipo, faltando-lhes sempre alguma coisa. ¡Pois se cada arte é um mundo com caracteres próprios! ¡Pois se cada arte é um fragmento dum todo! ¡Dum todo que não é senão uma abstracção, e por isso mesmo não podemos reclamar de cada uma delas mais do que, humanamente, cada uma nos pode dar!

Só por abstracção concebemos um homem perfeito, e mesmo assim relativamente, pois a nossa própria ideia da perfeição é determinada pela nossa experiência subjectiva. A arte, criação humana, não é uma senão pela presença constante dum sonho de beleza, diferente para cada homem, diverso e inconstante como a diversidade e inconstância da vida...

Do livro:
« OPINIÕES PESSOAIS »
a publicar
em
Outubro próximo.

adolfo casais monteiro

VALA COMUM

Do senhor António Lopes Ribeiro, personalidade muito conhecida no meio cinematográfico de Lisboa, acaba a firma comercial de propagandas Armando & Armando, proprietária desta Revista, de receber uma carta.

O senhor António Lopes Ribeiro personalidade muito conhecida no meio cinematográfico de Lisboa deseja que lhe sejam prestadas completas, urgentes e cabais explicações sobre um pequeno ponto de interrogação que seguia a palavra «camarada» e precedia o seu nome num suelto do 2.º número de «Movimento».

Ao senhor António Lopes Ribeiro, personalidade muito conhecida no meio cinematográfico de Lisboa, a firma comercial Armando & Armando e toda a redacção de MOVIMENTO dão a seguir as completas, urgentes e cabais explicações que lhe foram pedidas.

O tal ponto de interrogação significa apenas a modéstia de todos os redactores de «Movimento» que, de forma alguma têm a pretensão, simples jornalistas nas horas vagas, de ombrear com o Senhor António Lopes Ribeiro, personalidade muito conhecida no meio cinematográfico de Lisboa, actual director de «Animatógrafo», réclamista da Agência H. da Costa, tradutor de legendas e realizador cinematográfico «in herbis».

*

«Movimento» honra-se com a inclusão de novos nomes entre os seus colaboradores: Alexandre Serpa, que se estreia; Fernando Barros, nosso camarada da Imagem; João Carlos, médico distinto e amigo velho; e o dr. Adolfo Casais Monteiro que nos cedeu amavelmente um capítulo primoroso do seu livro «Opiniões pessoais» a publicar em Outubro próximo.

Continuamos assim a nossa directriz de escolher para colaborar connosco os nomes daqueles novos que não possuem, talvez, a maior popularidade, mas possuem certamente, o mais real valôr.

*

Acaba de chegar-nos às mãos, colaborado pelos melhores nomes do jornalismo francês, o primeiro número de uma revista cinematográfica e de crítica, intitulada «Mouvement».

Aqui têm os nossos estimáveis inimigos uma pontinha por onde nos pegarem.

A menos que não prefiram verificar que «Movimento» saiu primeiro e que, chamando ao facto «curiosa coincidência» pensem: Les bons esprits se rencontrent....

*

A seu tempo telegrafou a Direcção à firma Castelo Lopes, de Lisboa, lamentando o sinistro que a feriu. A Redacção igualmente lamenta, com profundo pesar o triste acontecimento.

*

Por falta de espaço, não publicamos neste número várias notícias sensacionais sobre a Festa dos Cinéfilos do Norte, e o Filme de Movimento. Fá-lo-emos no próximo número que sairá a 15 de Agosto.

*

Um filho de Erich von Stroheim ingressará no cinema, fazendo a sua estreia no filme «A Idade e o tempo» dirigido por Cecil B. de Mille. Quere o nome do nòvel actor, quere o nome do realizador dão-nos o direito de esperar, da parte de ambos, um notável cumprimento dos seus deveres.

*

O budget da Ilha de Man, que possui uma administração de finanças absolutamente autónoma, está de tal modo equilibrado que acusou, êste ano, um «superavit» de 55.000 libras esterlinas.

Êste resultado fez com que fôsse julgada desnecessária a criação de novos impostos. É interessante notar que nesta ilha, verdadeiro paraíso dos contribuintes e dos cinéfilos, não existe qualquer impôsto sobre os espectáculos.

*

Corre com insistência a noticia de que o Sr. Antoine Rasimi pediu a Maurice Donnay, o conhecido literato francês, o prólogo para uma revista cinematográfica de carácter humorístico.

A imprensa francesa espera que este seja o primeiro passo para o aproveitamento das vastas possibilidades que a obra do brilhante escritor oferece ao cinema.

CHARLES
BOYER —

VAI
INTERPRE-
TAR O
MARQUEZ
YORISAKA
DA
BATAILLE



O AVIADOR ELISSEN DA «I. F. 1 NÃO RESPONDE»

— Et alors vous êtes venue me trouver, moi....

Charles Boyer é hoje, para mim e a uma grande distância o melhor galã cinematográfico do mundo.

E estas palavras que o aviador Elissen pronuncia na «I. F. 1 não responde» nunca mais me esqueceram nem esquecerão pelo que, na sua acentuação, na expressão com que foram acompanhadas, na própria modulação da voz com que foram articuladas havia de verdadeiro, de natural e de humano....

A amargura feita de várias amarguras: a do herói que, habituado a vencer as solidões impolutas do espaço infinito se sente esmagado pelo inevitável esquecimento



CHARLES BOYER, EM « TRAIÇÃO »

dos homens; a do homem forte, voluntarioso que, dominador de nuvens e de ventos contrários sucumbe perante o próprio coração; a do semi-deus que a fatalidade destrona e fêre, simultâneamente, na sua glória, na sua esperança e no seu amôr — estas várias amarguras condensadas numa única amargura mortal, dá-as Charles Boyer sem artificios, nem gestos, nem gritos..... E isto não o faria um Gable, nem um Frœlich, nem qualquer outro.....

Por isso, ao chegar até mim a noticia de que a «Bataille» de Claude Farrère iria novamente ser filmada com Boyer no papel do Marquez Yorisaka Sadao uma onda triunfante de alegria rodeou-me e atirou-me subitamente às estrêlas.....

Boyer, o meu actor predilecto, interpretando Farrère, o meu escritor preferido! Francamente, era quasi um sônho!.....

Depois, várias vezes eu dissera aos rapazes, aqui na redacção, o meu desejo de ver interpretar Boyer qual quer dos personagens creados por êsse extraordinário autor das «Petites Alliées» da «Mademoiselle Dax» dos «Condannés à Mort» ou mesmo desse conto maravilhoso que chegaria para ilustrar o nome de um artista e que se chama «Les Mains Flétries».

Para quem a não conhece, em dois traços, a «Bataille» é isto:

A Russia e o Japão lutam. O Marquez Yorisaka, official artilheiro educado em Inglaterra, compreende que, possuindo a marinha japoneza barcos, canhões, aparelhos ofensivos e defensivos absolutamente iguais aos da marinha ingleza, uma coisa lhe falta. Uma coisa: um segrêdo. O segrêdo que levou a Inglaterra, permanente victoriosa, à supremacia naval. Newton, Rodney.....

É necessário descobrir o segrêdo.

É necessário conquistar a victória, salvando o Império.

Pode oferecer a sua vida? Oferecerá mais: oferecerá a honra. E começa lentamente, dentro de sua alma nipônica, o sacrificio tremendo.

É, primeiro, o velho ritual dos daimios, abolido. É, em seguida, a velha cortezia tam nobre, tam elegante, tam «cortezia», enfim, substituida pela hipócrita camaradagem occidental. E é, finalmente, a entrega da sua própria mulher ao comandante Herbert Fergan, que mais tarde, por imposição de um moribundo tomará o telémetro nas suas mãos neutrais e levará a esquadra japonesa à victoria pagando a sua divida e salvando o Império.

A «Bataille» é isto, em duas palavras. Mas é muito mais que isto, por detrás dessas duas palavras. Êsse «muito mais» está bem entregue a Charles Boyer, no que respeita ao papel do Marquez Yorisaka. Mas quem fará a Marqueza Mitsou cujo nome — ó subtil sapiência dos letrados chinezes! — significa simultâneamente «raio de mel» ou «mistério» segundo o carácter empregado na sua escrita?

Quem fará o visconde Yrata Takamori, que se suicida pelo ara-kiri tradicional, simplesmente porque ousou pronunciar algumas palavras injustas?

Quem fará essa japonesinha, creada de estalagem, que se vende ao primeiro que a deseje e cujo nome — O-Setsou San — significa, traduzido à letra, «Menina Castidade»? O futuro o dirá.....

armando vieira pinto



E N A V I D A R E A L

PIRANDELLO, ACTOR DE CINEMA

Já o distinto crítico teatral português Eduardo Scarlatti, afirmando no seu livro «Ideias de outros» que Pirandello não tinha sido compreendido em Portugal quando a companhia de Vera Vergani levou à cena as «Seis personagens à procura dum autor», dizia — acrescentando depois judiciosamente — que o elenco de Mimi Aguglia ao representar em português duas peças de Luigi conseguira surpreender, na generalidade, os espectadores.

Claro que da surpresa ao entendimento vai uma certa distância. Poderá essa distância ser vencida pelo público português, agora, que uma peça do discutido dramaturgo siciliano vai ser projectada no «écran»? Melhor: será a técnica cinematográfica susceptível de, na adaptação, levar a bom termo a essência dos sentimentos e as ideias puras que polvilham a carcassa dos personagens?

Pensando Pirandello no domínio do abstracto como nós pensamos no domínio do concreto — na frase de Pierre Brisson — dar-nos-á o cinema o simbolismo, o humanismo, o sub-consciente de tôdas as máscaras nuas, como Pirandello chama às suas próprias peças?

O jornalista Gastone Borio, publicou na Stampa de Turim uma entrevista sensacional. Por ela ficamos sabendo a confirmação do sucesso alcançado pela exibição do filme «De que maneira me querês?», sendo tão grande o seu êxito que a Metro-Goldwin-Mayer propoz adaptar ao cinema outra peça de Pirandello, a tão discutida «Sei personaggi in cerca d'autore». E com um espanto mal contido o jornalista ouve dizer a Pirandello:

— «e o autor toma parte na distribuição.....

— O senhor? — retorquiu-lhe aquele, cada vez mais espantado.

— Mas sim, eu, e com certeza no papel de autor, de Pirandello, de mim próprio.....

Insisto: poderá a maneira tão vincadamente paradoxal, poderão os fins moralistas, filosóficos e sociais que só atravez do diálogo se erguem dominando tudo, ser transportados para o «écran», quando as peças de Pirandello vivem mais da frase do que da acção e sendo o diálogo reduzido ao mínimo como convém à técnica do fono-filme? Bastará a nova modalidade dum terceiro plano — o plano real — para que no futuro fono-filme das «Seis personagens à procura dum autor» a indole e o significado da obra, pelo menos, nada percam? Pois Pirandello disse ao jornalista que no filme a acção dessa sua peça se desenrolava sobre três planos diferentes: o da falsa interpretação do actor, o da fantasia criadora e o da vida real.

Eis, aqui, outra nova digna também de, à sua volta, se tecerem algumas considerações.

Exemplifiquemos: como se sabe a peça «Seis personagens à procura dum autor» é o contraste entre duas criações; a do autor feita nas personagens e o fitício da interpretação das mesmas pelos actores. Isto é: a acção rola sobre dois planos. No cinema — segundo as declarações agora vindas a lume há mais um terceiro: o plano real.

Na entrevista citada conta ainda Pirandello como começará o filme. Diz textualmente:

— «Começa por mim. Soou meia noite há bastante tempo. Vou a caminho de casa. Numa rua sombria, quasi equívoca, passa por mim ombro a ombro uma rapariga vestida de preto. Esta aparição estranha na noite tranqüila, na solidão daquela rua, interessa-me de repente. Este facto, que parece banal faz vibrar a minha sensibilidade de artista. Inconscientemente, ponho-me a segui-la.....»

Pirandello não conta mais. Que haveremos de pensar para fecho deste artigo? Muito simplesmente o seguinte: Pelo que lemos, pelo que sabemos agora da maneira como começam no écran as «Seis personagens à procura dum autor», pode-se afirmar estarmos defronte dum plano real que não se encontra na peça de teatro. E os outros planos podem-se levantar desde já com mais ou menos consistência. Por exemplo: Vai a rapariga para casa de madame Pace ou volta de lá?

alexandre de medicis



ANTÓNIO BOTTO O POETA DAS «CANÇÕES»

Um redactor de «MOVIMENTO», amigo do Poeta António Botto, sabia que êste fôra convidado por Marcel l'Herbier, o grande realizador francês, para interpretar o protagonista da versão muda de *O Retrato de Dorian Gray* a maravilha de Wilde. Como, do estrangeiro, nos chega a noticia de l'Herbier ir fazer uma versão sonora dêsse romance, escrevemos a António Botto pedindo informes sôbre o caso, na esperança de darmos aos nossos leitores uma curiosa página de reportagem.

Da carta do grande Poeta, recortamos:
«Quanto à história do Dorian Gray, pode dizer que, quando passei por Paris, há 5 anos, conheci pessoalmente o Marcel l'Herbier e êle

adivinhou e descobriu em mim tais formosuras físicas e espirituais que quiz apanhar-me para intérprete dessa celebrada e estranha figura de artista. Mas a doença que, meses depois, me fazia sofrer dois anos, obrigou-me a abandonar Paris e a pôr de parte essa agradável realidade. E aqui tem, em meia palavra, todo o caso — mais ou menos».

Mais abaixo:

«Se lhe fujo a mais detalhes é porque o António Lopes Ribeiro quere ocupar-se largamente dêsse pormenor da minha vida e eu já tinha prometido ao *Animatógrafo* antes da sua carta me aparecer».

Que pena!

NÃO QUEREMOS -DUBBING-

Durante estes meses de calor, de férias e de veraneios, distribuidores e exibidores preparam-se activamente para a nova temporada, uns e outros organizando desde já um vasto reportório de filmes a apresentar. E nestes meses, que ligam o fim duma temporada ao começo de outra, que se escolhe a maior parte das produções cinematográficas que durante o ano nos serão apresentadas. Das decisões agora tomadas dependerão muitos dos sucessos ou fracassos artísticos e comerciais da época futura. E este, pois, o momento preciso de tomarmos posições em favor da arte que defendemos, fazendo ouvir as nossas vontades e tornando públicas as nossas ideias firmemente assentes.

«*Movimento*» insurge-se contra o «dubbing»!

Os exemplos da época que findou foram suficientemente deploráveis. E se o foram, e muito, sob o ponto de vista artístico, não o foram muito menos, ao que parece, sob o ponto de vista comercial. Que os senhores distribuidores não tenham ilusões: O próprio público que hoje aceita o «dubbing», será amanhã o seu maior inimigo. O facto de um filme americano, com uma grande vedeta, conhecida e apreciada pelo público português, ser dialogado em lingua francesa, não chama ao cinema que o exhibe mais público do que se esse mesmo filme, com essa mesma vedeta, fôsse apresentado em versão original.

Para aqueles que não conhecem, ou conhecem mal o francês e o inglês (e são esses que formam a maioria), o facto do filme ser falado numa ou noutra lingua não interessa. Para aqueles que conhecem francês suficientemente, o prazer de compreenderem os diálogos é desagradavelmente estragado pela dissociação e desarmonia sempre bem patentes (apesar dos enormes progressos técnicos) da imagem com a palavra. Uns e outros preferirão incontestavelmente ouvir a verdadeira voz de Greta Garbo, de Marlène, do Bancroft ou do Wallace Beery, a ouvir vozes empastadas e soando falso. E se ainda muitos não se manifestaram contra o «dubbing» foi porque só agora vão compreendendo o lôgro em que os queriam fazer cair...

Notemos, todavia, que o «dubbing» torna-se interessante sob o ponto de vista técnico e admite-se o seu emprêgo para a perfeita realização de certas cenas em que é difícil fazer uma boa tomada de sons ao mesmo tempo que uma boa filmagem. Por exemplo tôdas as cenas dos bailados e complicadas marcações de «Um Rapaz Encantador» foram feitas com a ajuda do «dubbing». Uma boa filmagem da execução perfeita dos bailados (o que interessava a câmara fotográfica) prejudicaria a captação do som (o que interessava ao microfone) e vice-versa. Para vencer a dificuldade fizeram cada coisa por sua vez, juntando-as depois. Aqui, sim, como em idênticos casos, o «dubbing» é perfeitamente admissível. Neste caso procurava-se atingir o máximo de perfeição na composição de diversas cenas e não fazer uma habilidade com fins exclusivamente comerciais. É preciso distinguir...

Sob qualquer outro ponto de vista, o «dubbing» é absolutamente deplorável. «Cette ignominie cinematographique doit être regetée par tout esprit lucide et sain», escreveu A. P. Richard. E tem razão. Se comercialmente o «dubbing» é um lôgro, de que o público, lentamente, se vai apercebendo, artisticamente é um caso gravíssimo que urge combater com violência. Felizmente, o «dubbing» entra em decadência. As firmas americanas enganaram-se e a habilidade pegou mal, mesmo em países onde a aceitação do «dubbing» tinha maior razão de ser... Ainda ha pouco, escrevia Pierre Antré: «o «dubbing» está em mau caminho. Chegamos a preferir muito mais as versões originais em linguas estrangeiras do que os «dubbings» em francês. Os casos recentes de «Grande Hotel» e vários outros filmes, dão razão aos adversários do «dubbing». Em Portugal, sobretudo, nada justifica que nos deem, em troca das versões originais, «traduções» em lingua francesa. Chega a ser atentatório à nossa nacionalidade...

O «dubbing» representa, com grande desvantagem, no cinema, o mesmo que uma tradução representa em literatura. Mas ha aqui uma enorme agravante. Uma obra literária pode ser bem traduzida e sem que o original sofra sensivelmente. Mas um filme «double», por muito perfeito que seja o «dubbing», perde sempre 80 %/o, pelo menos, do seu valor como obra de arte. Não é só pelo facto do sincronismo entre a imagem e o som não ser absoluto. E que o «double» não pode «sentir» o papel do artista cuja voz substitui. Por bom actor que seja, por muitos ensaios que tenha feito, a sua voz sôa sempre falso, desprendida do personagem que «dobra». Dá-se então esse desagradabilíssimo efeito do divórcio, da dissociação flagrante da palavra e da imagem, que não conseguem harmonizar-se... E isto é detestável!...

Assentemos pois na seguinte conclusão:

O «dubbing» representa um grave atentado contra a arte cinematográfica e um lôgro ao público ingénuo e desprevenido.

MOVIMENTO, no momento em que se enchem os «stocks» de filmes para a próxima época, reclama as versões originais dos filmes americanos e declara guerra aberta ao «dubbing», que combaterá sem tréguas, por todos os meios e processos ao seu alcance!

a l v e s c o s t a

ASSEMBLEIA GERAL

Na redacção houve, um destes dias, uma cêna complicada. Discutia-se qual de todas as artistas de cinêma que havia pelas paredes era a mais curiosa, a mais interessante, a mais tudo, enfim. E não houve processo de chegarmos a um acôrdo. A discussão azedou-se de um modo indesculpável. O Alberto que está com a coqueluche teve que ser levado para o terraço tomar ar. O Luiz Guedes amouu simiescamente a um canto e poz-se a comer amendoim. O Alves Costa, sabichão encartado, chegou a esquecer-se do fraco que nutre pelo Administrador e quando êste entrou ficou sem os «mimos» costumados. Os dois Alexandres pegaram-se de um modo sério. O que é Medicis esqueceu-se da fidalgia; o que é Serpa esqueceu-se da fleugma; ambos de sociedade, esqueceram-se do respeito que me devem, a mim, director. A Marianela, que depois da partida do Manuel de Oliveira anda muito mais carinhosa para nós, tomou a mal que nós preferissemos à sua beleza palpável, abraçável, beijável etc., uma simples beleza de cartão, e chamou-nos várias coisas que não digo, porque a roupa suja lava-sê em familia.

Enfim: o diabo!

Cinéfilos valei-nos nesta aflição. Mandai o vosso voto a esta Primeira Assembleia Geral. Nós em compensação daremos uma assinatura semestral da nossa revista, a todos aqueles que votem na estrêla que ganhe o concurso.

KATE DE NAGY

Não direi qual seja no meu entender, a melhor estrêla de cinema, aquela que pelo seu valor como artista ou pelos seus encantos como mulher merece cingir a corôa de louros dêste original certame. Críticos conspícuos decidirão decerto com a costumada proficiência..... Por mim, limito-me a marcar a minha predilecção pessoal por Kate von Nagy — estrêla se não das mais fulgurantes pelo menos das de mais seguro brilho da vasta constelação da Cinelândia.....

Lillian Harvey, Marlène, Brigitte Helm, como nós as conhecemos, são obra dos realizadores que conscientemente e laboriosamente criaram, com as suas qualidades e os seu defeitos, determinados tipos de beleza.

Ora Kate de Nagy não é assim. E como a suprema beleza — digam o que disserem estetas delirantes — reside na suprema simplicidade, eu não hesito em dar-lhe a minha preferêcia.

vasco rodrigues



MIRNA LOY

Pobre rapariguinha que vais perder o concurso! Escolhi o teu retrato pois a piedade paira bem mais acima do que a tentação. Confrangeu-me e fez-me frio o teu sorriso doloroso.

O sorriso é quasi sempre filho da alegria e o teu é como um engeitado da dôr que anda em viagem pelo mundo.

Pobre rapariguinha que vais perder o concurso! Tôdas as mulheres sabem fingir, sabem mentir, sabem enganar! Compõem um sorriso tam fácilmente como compõem a pintura do rosto: por vício e para agrado. Tu és a excepção, tu és a rapariga que não sabe enganar, nem mentir, nem fingir. Quando o fotógrafo te disse «menina! olhe o passarinho.....» tu quizeste mostrar uma alegria que não andava nem na tua vida, nem nos teus olhos.

As outras tiveram quem as louvasse pela beleza, pela arte, pela vida. De tí, sei apenas, que és triste e que não sabes sorrir. Por isso te escolhi e por isso te louvo!

Pobre rapariguinha que vais perder o concurso!

alberto de serpa



BRIGITTE HELM

Sou pela Brigitte Helm! Decididamente! Irrevogavelmente!

E podem contrapor-me argumentos fortísimos como sejam a ingénua beleza da Lillian Harvey, a perfeição física da Kate de Nagy, a sensualidade perversa da Marlène e outros muitos do mesmo género, que, embora eu reconheça serem de pêso tais argumentos, a minha opinião quedará igual, porque a candidatura da Brigitte Helm é, para mim, dogmática, incontestável, indiscutível!

Reparem nestes olhos que parecem fitar-nos e nos causam calafrios medonhos, nestes braços feitos para nos prender, neste corpo inadjectivável e, sobretudo, nesta bôca que nos chama, mesmo sem ser preciso que fale!....

Recordam-se, por exemplo, da «Maria» e da «Mulher Autómato» de «Metrópolis», da «Nina Petrowna» da «Piedosa Mentira», da «actriz» de «Viagem de Núpcias», da «amante» de «Crise»?

Já vêm que tenho muitas e poderosas razões para votar pela Brigitte Helm, decidida, irrevogavelmente!....

alexandre serpa



LILLIAN HARVEY

Eu escolho Lillian Harvey.

Pequenina, coleante, delicada, toda ela bailando em cada passo que dá, em cada movimento que faz, em cada gesto que traça, toda ela sorrindo, sorrindo de meiguice, sorrindo de garôta, Lillian Harvey não é a mulher que acende fogueiras em peitos masculinos, não é a tentadora que escavaca corações, não é a rapariga ingénua, convencional e vulgar de todos os filmes....

Lillian Harvey é um impossível que se materializou.

Apetece brincar com os seus deditos esguios, esquecer a vida que vivemos, correndo com ela de mãos dadas, por um campo coberto de flores, muitas flores, sôb um céu muito azul, sôb um sol muito brilhante.... Apetece fazer-lhe travessuras, quando salta e ri, voltejando a sua cabecita loira, de cabelos soltos.... fazer-lhe docemente meiguices, com carinho, com ternura, quando amúa e faz biquito.... Apetece sonhar com ela um sonho puro, um sonho de felicidade, um destes sonhos de que a gente desejaria nunca mais acordar!....

a l v e s c o s t a

MARLÈNE DIETRICH

Fizeram-na assim? Obrigaram-na a revestir-se de «certo modo» para conquistar a celebridade? Sternberg criou Marlène? Seja. Mas hoje, Marlène é Marlène. Há, nas personagens que interpreta e na sua vida fóra do studio, a mesma relação de verdade psicológica que existe nos romances e na vida de Gabrielle D'Annunzio.

Marlène Dietrich!.... Para ela vai o meu voto, um voto sem importância como diria Wilde.

Marlène, assim «tout-court» é, e será sempre, a mulher que uma neblina misteriosa envolve, capaz de se entregar, mas não de se confessar.

Acima de tudo, o que mais admiro em Marlène é a maneira dela fumar um cigarro, quando o cigarro está já no fim....

Acham extravagante o motivo da preferência? Mas se fôsse outro, talvez não tivesse nem o sabôr, nem o simbolismo da ironia que os lábios de Marlène refletem por vezes, cortantes como dois gumes.

alexandre de médicis





CAMILLA HORN

Depois de todos os camaradas da redacção terem escolhido a «sua eleita», restou-me esta por saldo fim de estação. Lá me acharam com cara de Santo António, advogado das causas perdidas. Como veem, porém, este retalho que me coube não deixa de ser uma pechincha. Bastam êstes olhinhos de rôla em outubro, prestes a emigrar, êste arzinho de desmaio a fingir, que lhe vai à maravilha, êstes queixinhos de rabeca e, já que o D. Quixote deixou de ser exibido, diremos à maneira dos romances de cavalaria, esta «frente de neve» e este «colo de garça» — com licença da Snr.^a D. Inês de Castro que Deus haja, é claro.

Vocês devem votar todos e tôdas de mãos juntas por Camila Horn e até pelos processos eleitorais mais modernos — ficando mesmo em casa. Lá por ter ficado nas sobras não é caso para desânimo: os últimos serão os primeiros. Nem é preciso aquela «boa» que usa ao pescoço para nós a classificarmos como tal.

l u i z g u e d e s

A N N A B E L L A

Menina:

Gosto de si. Há nos seus olhos um ar de resignada meiguice que me entenece. Há nos trejeitos de sua bôca um ar de creancice mimalha que me encanta. Anda à sua volta, imponderável, uma promessa da ternura serena que eu desejaria possuir e que, já agora, verei apenas possuir aos outros. Gosto de tudo o que é seu, até da sua ausência de beleza.

As mulheres muito bonitas, ou são estúpidas ou más. E eu não sei qual das duas coisas é peor.... Seu narizito arrebitado profetiza-lhe uma pontinha de mau génio que lhe fica bem.

Não disse um poeta que o sol que vem após a tempestade é o mais brilhante, e um psicólogo que os beijos temperados com lágrimas, são os mais saborosos?

Menina: Gosto de si. Gosto de si.... porque sim. E ainda porque a primeira parte do seu nome, é o nome do mais antigo amor da minha vida e do mais moderno amor do meu coração: a minha avó que tem oitenta anos e a minha filha que tem sete mezes.

armando vieira pinto



RÁDIO

MOVIMENTO continuando o seu desejo de abrir tôdas as secções que possam ter interêsse para os seus leitores, anuncia hoje mais duas: a de Rádio e a de Sport.

A segunda será aberta apenas a quando do início da nova época de foot-ball. E isto, não pela nossa especial predileção pelo particular desporto, mas sim por ser aquele que mais profundamente interessa à grande massa do público.

A primeira, será iniciada já no próximo número, com respostas às consultas que por ventura desejem endereçar-nos os amantes da T. S. F. que são muitos, ou, no caso de essas perguntas não existirem, com a publicação dos programas do posto emissor da «Casa Forte» C. S. 1-C. F. a quem fica entregue a direcção técnica desta página.

No intuito de bem informar o nossos leitores amadores de T. S. F. que são por certo muitos, procuramos um dos sócios gerentes daquele posto emissor, e da casa comercial em que vendem ao público os receptores de que são agentes e os acessórios que, de momento, qualquer radiófilo possa necessitar.

Aquele nosso amigo prestou-nos gentilmente os esclarecimentos que desejavamos, permitindo-nos dêsse modo que os transmitamos aos nossos leitores a quem não deixarão de interessar.

Representa a «Casa Forte» em Portugal, a firma The Crosley Radio Corporation, uma das mais importantes e, incontestavelmente, uma das mais populares da América.

Ao saber isto ocorreu-nos uma objecção: como se compreendia que uma firma productora de tal valor só tardiamente fôsse representada em Portugal?

E a resposta é interessante, pelo que tem de demonstrativa: só agora começa a ser conhecida em Portugal, porque, até à data, o próprio mercado americano era suficiente «débouché» para o seu fabrico.

Isto demonstra a importância que um povo empreendedor entre todos dedica à rádio-telefonía.

Em Portugal o interêsse pela rádio-telefonía aumenta diariamente, não sendo portanto inoportuna a nova secção de que a nossa revista inicia a publicação.

Os nossos leitores poderão assim sem qualquer dispêndio desfazer as suas possíveis dúvidas, tendo além disso a maior facilidade em receber, por nosso intermédio, os acessórios de que necessitem os seus receptores, com a certeza de que a «Casa Forte» os servirá com a honestidade e economia que lhe são peculiares.....

Pensando isto, ao despedir-nos daqueles nossos amigos, cujo espírito empreendedor o Pôrto conhece e admira — e para sabermos o que isto representa é necessário lembrar que se trata da cidade mais trabalhadora e que maior iniciativa possui em todo o país — tivemos ao mesmo tempo a grata certeza de que os radiófilos leitores de MOVIMENTO ficavam bem entregues.....

UM CONCURSO SENSACIONAL

Como anunciamos no nosso número 2, é com a saída do actual que a nossa revista inicia, de acôrdo com o São João-Cine, um curiosíssimo concurso.

Não é ocioso frizar novamente as vantagens que terão os concorrentes:

PRIMEIRO PRÉMIO

QUINZE DIAS EM LISBOA, NUM HOTEL DE 1.^a CLASSE, COM TODAS AS DESPEZAS PAGAS, INCLUINDO VIAGENS, ALMOÇO E JANTAR NO RÁPIDO E BILHETES DE CINEMA TODAS AS NOITES.

20 SEGUNDOS PRÉMIOS

AOS PRIMEIROS 20 CONCORRENTES QUE APRESENTEM A SOLUÇÃO EXACTA, DAREMOS UMA ASSINATURA ANUAL DA NOSSA REVISTA, SENDO ESTA ASSINATURA ABSOLUTAMENTE GRATUITA E GOSANDO DE TODAS AS VANTAGENS DAS ASSINATURAS A PAGAR.

O PRÉMIO DE CONSOLAÇÃO

COMO PRÉMIO DE CONSOLAÇÃO DAREMOS A TODOS OS CONCORRENTES QUE COMPLETEM O CONCURSO UMA ENTRADA GRATUITA PARA O CINEMA SÃO JOÃO.

AS BASES DO CONCURSO

Já no nosso último número indicamos quais as condições d'êste concurso. No entanto, e para melhor compreensão repetimo-las.

Trata-se de colecionar os sêlos com fotografias de artistas e estrélas entrando no desempenho dos filmes que exhibirá o São João nas primeiras seis semanas a começar em 31 de Julho. Para isso serão gratuitamente distribuídas aos concorrentes, nas bilheteiras do São João e na nossa Redacção, umas pequenas cadernetas, contendo além das bases d'êste concurso, uma página para cada um dos filmes exibidos nas citadas seis semanas.

A cada filme corresponderão portanto dois sêlos, um dos quais será entregue no São João a todos os freqüentadores, sendo o outro publicado no número de MOVIMENTO que nessa data se encontre à venda.

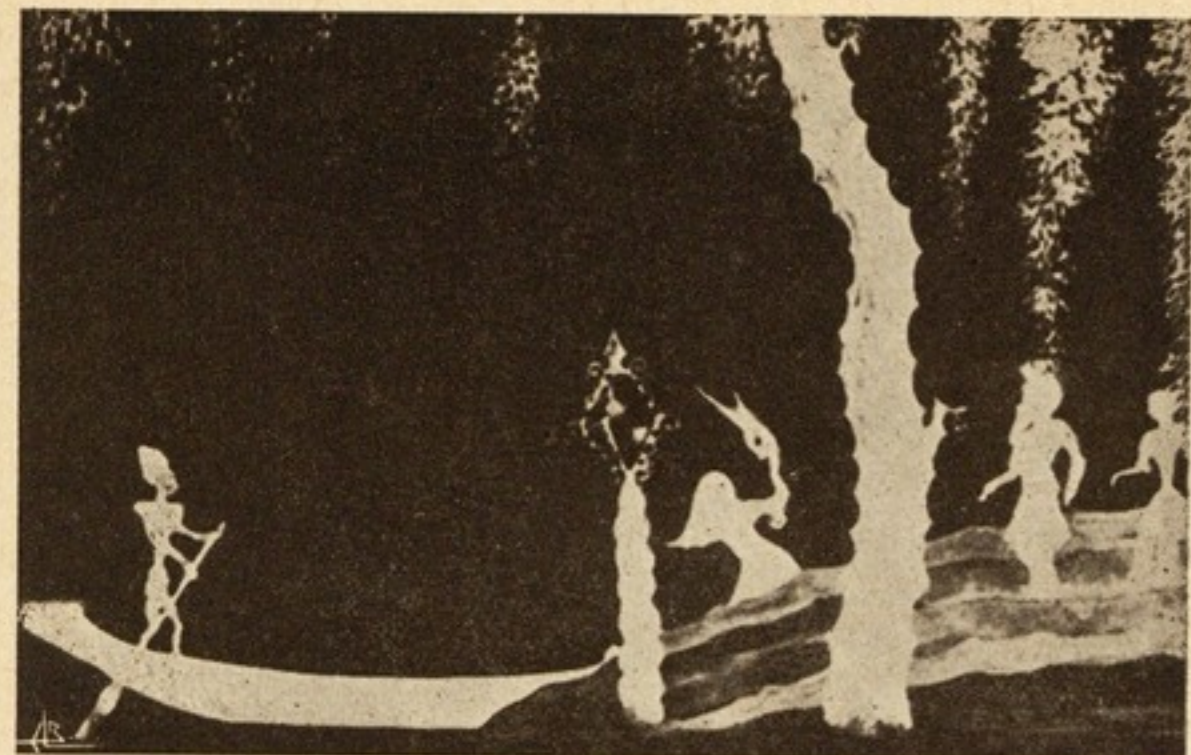
Para maior comodidade dos concorrentes, a nossa revista será vendida nos bufetes do São João.

Êste concurso é iniciado com o presente número de MOVIMENTO, encontrando-se já dois sêlos para êste concurso, na página de bonus, no final da revista.

« MOVIMENTO » NECESSITA CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E AGRADECE AOS INTERESSADOS QUE SE PONHAM EM COMUNICAÇÃO DIRECTA COM A REDACÇÃO.



UMA MULHER, UM ROUPÃO E UM SOFÁ...

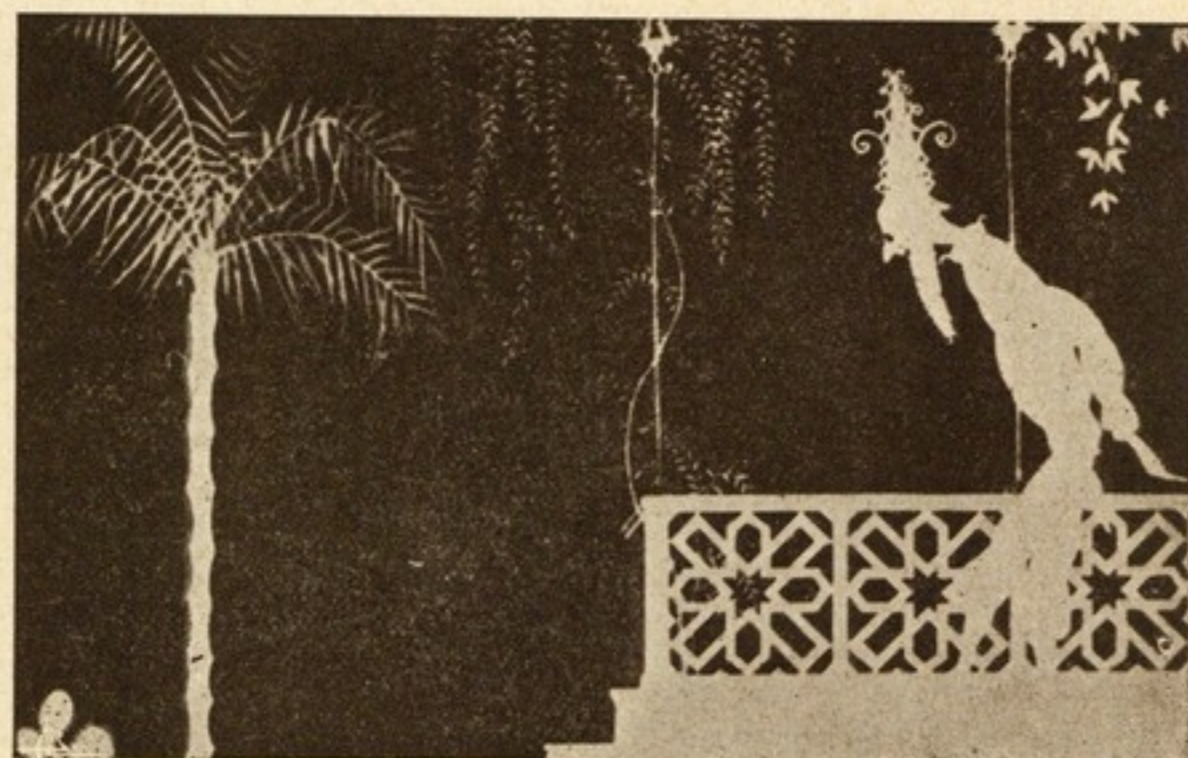


¿Vocês não se lembram da «Susi»? Foi uma opereta em ar de Itália e havia um rapazinho apaixonado por uma cantora teatral em retrato-reclamo escondido entre as laudas da cartilha de estudo. Vocês não se lembram: eram meninos. Mas lembram-se da mulher aos quadradinhos da «Capital» do Eça, aquela que passou no comboio e foi um instante prolongado, após, a retardador. E vem a dar na mesma. Pois todos nós, cada qual de nós alimentou essa paixão-fetichismo pelo cinema, por essa coisa irreal que vive dum momento de luz, do breve passo do celuloide diante do arco-voltaico: e como ao nosso fatalismo cigano ajusta, como um esgar de máscara trágica, o incompreendido amor, eis-nos em perene lamento por tal cinema de eleição, o que se não fez ainda e se fazia se nos deixassem, se houvesse quem compreendesse o nosso talento prestes a eclodir e sempre recluso. Quem não teria sido o mais belo e mais donairoso donzel de cavalheirescos lances, o dramático centro de maquiavélicas fitas, e sucessivamente o argumentista, o encenador, o decorador — e agora, que já palra o indez, o dialogador e o musicista de tantos sonhados super-qualquer-coisa de passar na tela?

Ah! o ingrato cinema português, raquitico desde sempre, sem condições de crescimento e vitalidade, que não incute ânimo aos moços, que lhes não pede (nem aceita!) o esforço porfiado! ¿Onde há-de o cineasta português bater o tacão de passo firme de seu talento

ELEGIA

DO CINÉFILO TRISTE



realizador, se lhe não dão campo de acção? Vocês estão com cara de quem pensa o mesmo e, no entanto, a solução é bem simples: Que todas as empresas productoras ponham á disposição dos meninos-prodígios, dos desconhecidos intelectos, uns duzentinhos metros de celuloide virgem para ensaiar os primeiros vôos. E que se refocilem! Deixassem-lhes sofrer o acre-dôce de falhar, assistir ao desmoronar do seu castelo de ilusões. E então ver-se-ia diminuir a falange de admiradores da sétima arte até ficar reduzida àqueles que «só vão ao cinema».

*

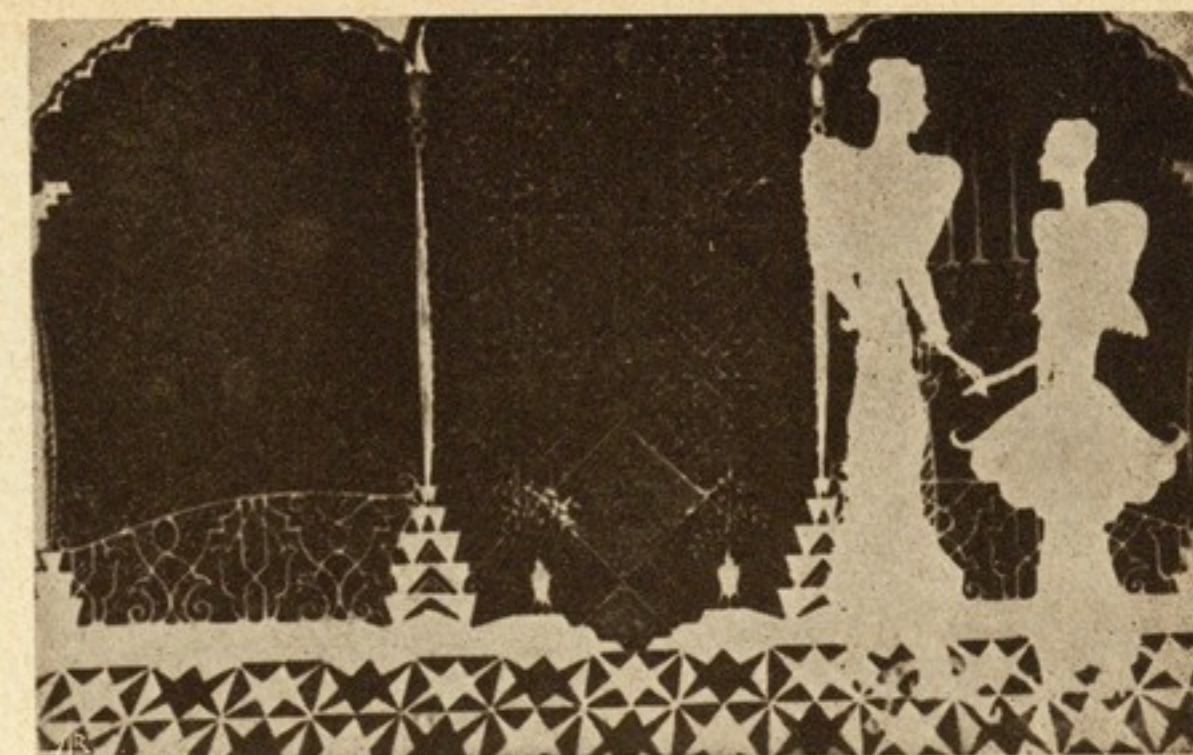
Eu também já fiz uma fita, porisso é que contei toda essa história atrás. E também fui desses que aspiraram a gritar ao alto-falante e se ficaram lastimando a falta de recursos nacionais. Comecei pois, por vestir o jaquetão do ridículo para, sabendo que o tenho vestido, me rir perdidamente de vocês, que



se julgam impermeáveis ao riso no vosso «smoking» pretencioso.....

Fiz uma fita, a primeira de silhuetas animadas que se fez em Portugal. Sabe-o só meia dúzia, aquela meia dúzia, a quem se diz no café: ¿não sabe? fiz uma fita. E se não falaram as revistas, com toda a pirotécnica e balões venezianos de adjectivos, ao menos aprendi toda essa engrenagem fatal.....

Vamos aos duzentos metros, artistas! Não é preciso talento, bastam três amigos nos jornais da especialidade e, (coisa de nenhuma importância) que nenhum deles se lembre, «depois de nós», de «também» fazer uma «fita igual». Não é preciso conhecimentos, cinéfilos: ha de sobra quem saiba para, à custa de modesta esportula nos transmitir, numa legenda de abertura, o certificado de sabença. Não é preciso ideias, rapazes. O que é preciso, o que é sobretudo indispensável é a máquina, o lorpa que nos julge sem-igualha e o dinheiro para os indispensáveis tantos metros de filme a realizar. O resto pode vir tudo de fora.....



* * *

Vocês são rapazes de boa-fé, que ainda acreditam quanto vos dizem os outros, como aquêl chorado moço do meu tempo, grande e ingénuo poeta que tendo seguido uma hora no encalço das galochas de Junqueiro calcurriando o Porto, acabou neste comentário século-desenove: «Que desapontamento! Afinal fala e anda como um homem-qualquer»!

Eu tenho visto atrizes famosas atrás de quem ninguém perderia, cá fora, cinco-minutos. Galãs celebérrimos de quem as mulheres sorriem irónicas. E tudo diante da objectiva se transfigura — até aquêles que parecem fadados para Fritz-Langs pelo destino..... Todos nós podemos fazer grandes coisas mas é preferível não fazer nada, desinteressar-nos. Eu já fiz duzentos metros de desenhos mexidos. Estão feitos. Serão os duzentos metros que me cabem para não fazer mais nenhum, os duzentos metros bastantes para a desilusão.....

* * *

A propósito, amigos: ¿Não há aí nenhuma empresa que deseje um realizador?

j o ã o c a r l o s

Fotos do filme de silhuetas animadas A BALADA DA FONTE, desenhado e realizado pelo autor.

NOVAS DO — -GADO BRAVO-

Depois de vinte e tantos dias de trabalho em Samora Correia, passou a caravana cinematográfica do Bloco H. da Costa para uma quinta dos arredores de Vila Franca de Xira, que o seu proprietário, gentilmente cedeu e onde estão a recomeçar os trabalhos de filmagem.

Agora o ambiente mudou.

Em Samora realizou-se a parte documentária do filme que é completíssima. A criação do gado bravo, as evoluções de touros, as corridas de campinos, a ceifa e a travessia do rio pelas vacas foram cenas focadas com a maior exatidão e excederam em beleza tôdas as expectativas. Êstes trabalhos foram orientados por um lavrador da região que tem vivido sempre com a leziria e com o gado.

O Siegfried faz rir para lá aquela gente como doidos. Mal sabem que vai fazer uma cena todos o querem ver, mas são logo despachados em grande velocidade, porque começam às gargalhadas rijas.

O Nosseck a principio estava a fazer-se têso. Já tinha estado na Índia a filmar e por isso o calor de cá não lhe metia medo, mas já confessou que nunca teve que suportar semelhante temperatura. Das 11 às 4 em Samora não se filmava.

Agora me lembro que ia descrever-vos as cenas filmadas aqui e as que se preparam nos arredores de Vila Franca.

As primeiras já sabem: eram cenas de conjunto, de documentário, de grande efeito. As que se preparam agora serão dialogadas e cantadas.

Para isso são já indispensáveis os camions de som adquiridos pelo Bloco e que estão aí a chegar.

Vocês não estejam a fazer má lingua. Se em tudo que se tem filmado até hoje não se fez a tomada de sons directamente é por que a sua natureza especial, movimentadíssima, não o permitia.

A «Noiva da Escócia» já foi exibida no Tivoli e aí no São João. Pois a música dêste filme é de Hans May que é fambém o director musical do «Gado Bravo»; veio a Portugal e está a trabalhar activamente com Luís Freitas Branco na «mise au point» de tôda a parte musical da película.

A primeira produção do Bloco H. da Costa tem já dois sucessos musicais garantidos: o «Fado» de Freitas Branco e a «Marcha dos toureiros» de Hans May.

Sabem? A encantadora Mariana Alves e o Paradela de Oliveira também cantam no filme. O Siegfried, a Olly Gebauer e o Álvaro Pereira começaram a ensaiar com o mesmo fim.

Vá lá agora uma noticiuzinha de sensação para o leitor tripeiro. Os dois maestros compositores gostaram tanto da voz de Nita Brandão que resolveram escrever para ela uma canção.

Aí teem pois a vossa Nita a cantar. Que mais querem?

É verdade; a fotografia do filme é da melhor que há.

Estás a fazer boquinhas!? Julgas que estou a mentir!?! Olha que isto é certo, e eu que o digo é porque o Gärtner antes de iniciar os trabalhos fez inúmeras experiências de luz e todas as noites tira provas do filme impressionado nêsse dia.

Não armes pois em esperto, e fica sabendo que é verdade o que te digo.

t e l m o d e f e l g u e i r a s



RAÚL DE CARVALHO, O MANOEL GARRIDO DO «GADO BRAVO»

ELEGANÇAS

As cores mais em moda para vestidos de baile, são o azul chamado «bleu-de-nuit» o preto e o branco. Evidentemente, todas as cores claras são usadas. Mas as cores que enunciamos acima são as que a moda considera este ano mais «raffinées» ao que, com certeza, as nossas elegantes não deixarão de ligar a costumada importância....

Os vestidos usam-se amplos e longos, sem no entanto caírem no exagero. A «traîne» que teve a sua hora, passou definitivamente de moda.

E o traje de baile, se é certo perder com essa abolição um pouco da sua imponência, não é menos certo ganhar o correspondente em comodidade.

Bastante justos no busto e na cinta, a própria amplidão da saia completa a silhueta que a moda prefere. O vermelho usa-se muito. É nessa côr, — «rouge-brique» — o vestido que apresentamos, executado num tecido completamente novo, «satin-laqué» e pertencendo à casa Albano Ramos Pais & Filho que as nossas elegantes conhecem e apreciam justamente....

Os decotes, discretos na frente, são largos e fundos nas costas....

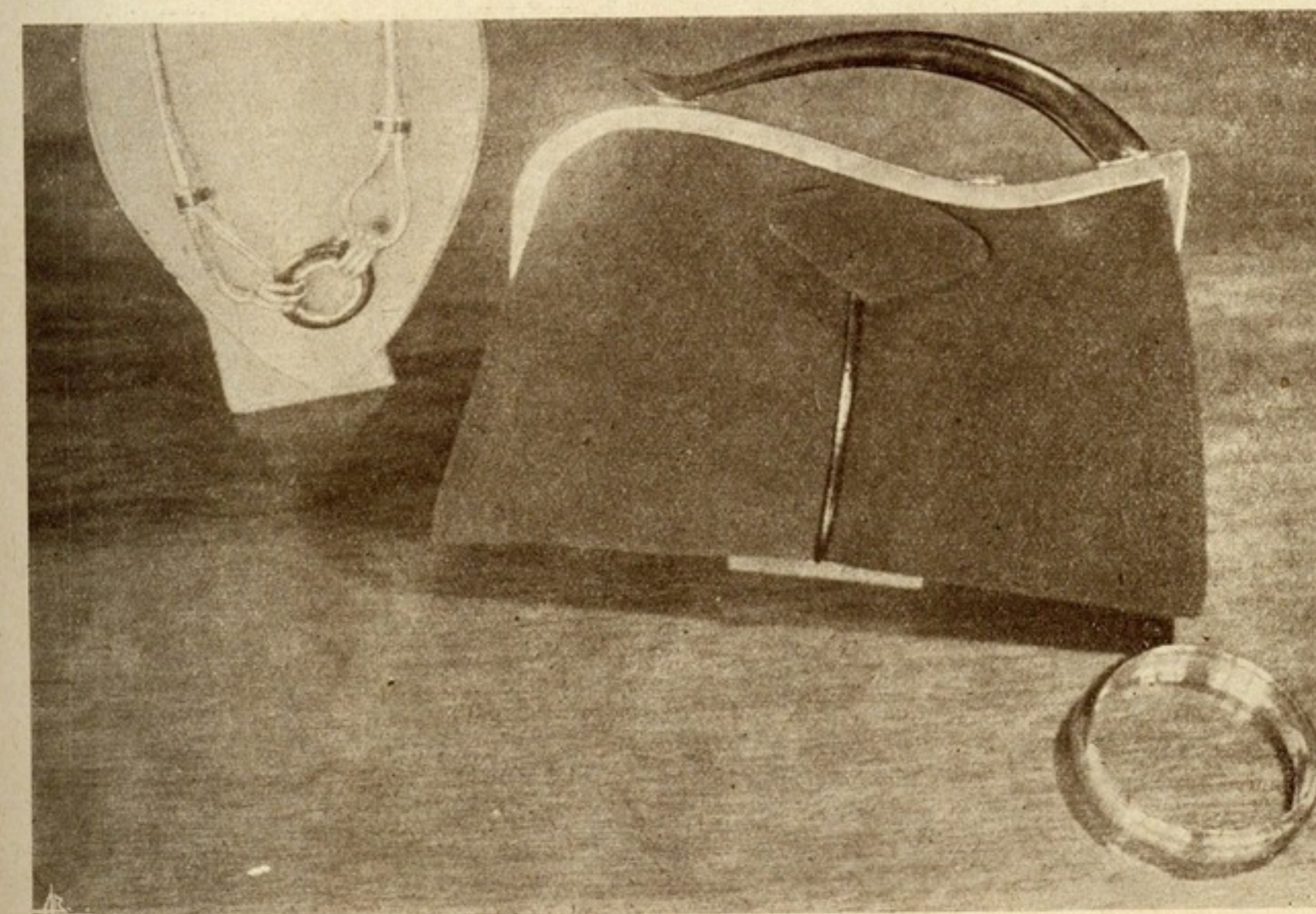
Nem a todas as elegantes isto convirá.... Mas paciência.

A moda é soberana. E com os reis não se discute....

Vestido de baile em setim «laqué» vermelho-tijolo, da colecção de Albano Ramos Pais & Filho, da Rua Sá da Bandeira.



«Varzea» o mais elegante cabeleireiro de senhoras do Pôrto, penteia' assim.



Pulseira, colar e bolsa da casa «Turqueza» da Rua 31 de Janeiro.

ELEGÂNCIAS

A moda masculina ainda não atingiu o equilíbrio a que tem jús e a sua estabilidade em período de evolução.

O homem elegante deve seguir a moda sem afectação, procurando evidenciar o bom gôsto da sua maneira de vestir pelas combinações de côres e formas correctas, adaptando-se ao meio e ás circuntâncias.

Os exageros são contrários a todas as elegâncias, ainda que nos agradem á primeira vista.

Precisamos observar os detalhes da forma de vestir moderna: A rabona com três botões é o estilo predominante para a próxima estação do Outono. Os ombros são um pouco largos, sem serem exagerados e a cinta bem justa ao corpo.

Como comprimento tomamos por equilíbrio a articulação inferior do dedo polegar quando o braço pende naturalmente e é de configuração normal.

O colete usa-se da mesma fazenda ou de fantasia, e pode ser trespassado ou direito.

As calças para um homem de estatura normal, têm de 0,54 cm. de largura, no joelho, e 0,48 cm. no fundo.

O estilo e perfeição do corte, o acabamento da forma e, sobretudo, as boas maneiras e nítida compreensão, constituem elegância.

Fato impecável de corte, Pinheiro da Rocha, executado em casimira exclusiva de côr cinzento-azulada, que constitui um estilo elegante para passeio.



Originais e bonitos modelos de pijamas, dos muitos que se confeccionam na «Smart Camisaria».



Blusa de golf em malha-camuça côr de tabaco. Creação exclusiva do tricot «Nonpareil» da Avenida dos Aliados.

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

SALA DE ESPERA

Vocês naturalmente não costumam reparar no que vai pelos pequenos cinemas de 2.^a classe. Estou mesmo a ver que nunca pensaram em semelhante coisa. Pois fazem mal. Nesses cinemas modestos e populares, afastados do centro da cidade, e em que ninguém se digna reparar, passam às vezes, quer em «reprise», quer em estreia, filmes de verdadeiro valor artístico, que mereciam bem melhor acolhimento do que o que recebem dum público que não tem, nem pode ter, gosto, ou cultura suficientes para os compreender.

Ainda não há muitas semanas vi no «Odeon» de Campanhã, um filme digno de melhor sorte: *O Faroleiro* de E. A. Dupont. Obra forte, bem carpinteirada, vibrante, moldada à maneira da escola alemã do período chamado psicológico, fez renascer em mim a já perdida admiração por Dupont. Depois de *Varietades* (quem se esqueceu dessa obra enorme?), Dupont, inexplicavelmente, caíra no mais vulgar comercialismo. Cheguei a crer que jámais se salvaria. Mas não! *O Faroleiro*, em que há um perfeito aproveitamento das modernas possibilidades cinematográficas (noto o ruído do mar sublinhando, envolvendo toda a acção que se desenrola dentro dum farol), é, pela sua perfeição plástica e pelo seu valor humano, um filme à altura do realizador de *Varietades*. E vocês não o viram!

Sigam o meu conselho. Atentem no que se exhibe nos cinemas populares. Olhem que vale a pena e não custa nada.

EXPEDIENTE

ALFREDO DE BRITO—Estamos-lhe duplamente gratos pela sua carta. Assim é que todos deviam manifestar a sua simpatia por «Movimento»...

A. PIMENTEL—Tu és o que se chama um rapaz fixe! Mereces um abraço. E quando tiveres um bocadinho de vagar, lembra-te que terei sempre muitíssimo prazer em ler as tuas cartas. Ainda te recordas daquela brincadeira a respeito do «despidismo»?... Foi um sucesso!...

St.^o PAIO—Lagarto, lagarto, lagarto! Por pouco que você era centopeia...

Estamos deveras lisonjeados com as suas palavras amigas e carinhosas... mas eu cá não percebi bem porque razão você está assim tão zangado com o século vinte, a pontos de lhe chamar nomes feios... Mas vamos lá às suas perguntas:

1.^o Só aceitamos colaboração solicitada.

2.^o Não acho que o «Testamento do Dr. Mabuse» seja a melhor produção apresentada durante esta época. Gostei, por exemplo, muito mais de «Raparigas de Uniforme», que é uma obra verdadeiramente excepcional. «Dr. Mabuse» é sem dúvida um filme de valor... mas há melhor. Diga-me uma coisa: então quando você não percebe nada é que acha «que as cenas se sucedem artisticamente»?... Eu é que estou um bocado atrapalhado para o perceber...

3.^a Não se assuste meu caro amigo. Os

americanos não farão mal à nossa Lilian Harvey. Vão, certamente, modificá-la um bocadinho, mas eu tenho esperanças de que ela não perderá a sua graça tão delicada, nem descerá do pedestal a que subiu no Velho Continente.

E agora, não se esqueça de nos escrever mais vezes.

JOPECA—Sim senhor, você faz um pedido justíssimo que eu satisfaça da melhor das vontades. Para estudar técnica cinematográfica aconselho-lhe um livro valiosíssimo (editado por J. M. Yagiés—Paseo de San Vicente, 20 Madrid) intitulado: «Técnica Cinematográfica Moderna». É o melhor que eu conheço no género. Agora para cultivar o seu gosto, ganhar conhecimentos, «enfarinhar-se» na arte cinematográfica, aconselho-lhe: «Ça cest du Cinema» de G. Altman, a colecção «L'art Cinématographique» (editado pela livraria Felix Alcan de Paris), «Charles Chaplin» de Henry Poulaille, «Panorama du Cinema» de Charensol, e «Film Problems of Soviet Russia» de Bryher (Pool Editors, Londres). Para as primeiras impressões creio que isto já lhe deve chegar. Em língua alemã sei que ha algumas coisas muito boas, mas não as conheço porque... não sei alemão... E disponha sempre da minha ajuda.

DOUGLAS FAZ... BANKOS—Você era infalível... Obrigadinho pela sua carta e... pelos dezasseis escudos. Como deve ter visto «Movimento» melhorou consideravelmente e iremos por aí fora até onde nos cheguem as forças. Lá coragem e entusiasmo não nos faltam!

Quando quiser dar dois dedos de cavaco, apareça.

NOÉMIA—Se você não estivesse tão longe dava-lhe um abraço, palavra. Obrigado por tudo. E escreva, seja boa rapariga.

PRÍNCIPE DE PICKFAIR—Você é o que se chama «um bom ponto»!... Admiro-lhe a paciência e os disparates!...

Sim senhor, apesar da minha antipatia pelas pessoas coroadas... Não, não uso êsses «interiores» muito do gosto assustadoramente suspeito do colega lisboeta. No Pôrto não se usa disso. Somos homens, compreende...

J. GOMES—Verá satisfeito o seu desejo. Obrigadinho pelas felicitações.

APARTADO N.º 13

PRÍNCIPE DE PICKFAIR—Este senhor, que é maior, vacinado e disponível, deseja trocar correspondência sobre assuntos mais ou menos cinematográficos com cinéfilas que estejam para o aturar.

J. GOMES—Procura rapariga moderna, gostando de cinema seriamente, para trocar correspondência, revistas, fotografias, etc. (o que êle mete neste etc. é que eu não sei...)



— Mandas forrar a nossa casa a papel,
darling?...

— Não, meu Amor. Mando-a pintar
com

MURALINE

MÁRIO COSTA & C.^A, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO



Agradecida pela escolha do seu nome para marca de uma notável qualidade de meias, Jeannette Mac Donald envia o seu retrato autografado à

RAINHA DAS MEIAS

Esquina das
Ruas
Santa Catarina e Formosa

PORTO

movimento

é impresso em papel

TIVOLI

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 6 DE AGOSTO
— DE 1933 —

TIVOLI

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 13 DE AGOSTO
— DE 1933 —

TEATRO AVEIRENSE

AVEIRO

30 % NA MATINÉE
DE 13 DE AGOSTO
— DE 1933 —



EDMUND LOWE

TEATRO AVENIDA

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 6 DE AGOSTO
— DE 1933 —

TEATRO AVENIDA

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 13 DE AGOSTO
— DE 1933 —



SÃO JOÃO

PORTO

50 % NA MATINÉE
DE 3 DE AGOSTO
— DE 1933 —
2 ENTRADAS

SÃO JOÃO

PORTO

50 % NA MATINÉE
DE 10 DE AGOSTO
— DE 1933 —
2 ENTRADAS

TEATRO AVEIRENSE

AVEIRO

30 % NA MATINÉE
DE 6 DE AGOSTO
— DE 1933 —



MARTHA EGGERT

cinema — arte — elegância

1 de agosto
1 9 3 3

capa, comp. e imp. da

tip. costa carregal

tr. passos manuel, 27

p ó r t o

administrador e editor: armando barros

propriedade de
armando e armando

assinaturas:
6 núm. — 9\$00
12 — 18\$00
avulso 1\$50

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—porto
este número foi visado pela comissão de censura

movimento
é impresso em papel
fornecido pela casa

CRUZ, SOUSA & BARBOSA, Lim.

Rua 31 de Janeiro, 165-1.º — Telefone, 2753 — PORTO

Sempre em armazem: Papeis
para revista, livro e jornal.

Papeis de escrita, couchés,
fantazias, embalagem, etc.

Cartolinas, papelão, cartão
madeira, duplex, etc.

movimento _____ número 3
cinema — arte — elegancia _____ 1 de agosto
1 9 3 3

capa. comp. e imp. da

tip. costa carregal

tr. passos manuel, 27

p ô r t o

propriedade de
armando e armando

assinaturas:

6 núm. — 9\$00

12 — 18\$00

avulso 1\$50

_____ administrador e editor: armando barros _____

redacção e administração: rua elisio de melo. 28 — sala 4 — porto

_____ este número foi visado pela comissão de censura _____

P I A N O S
BECHSTEIN



Esta visão recorda-me a pergunta daquela mãe enlevada na filhinha sentada ao Bechstein, dirigida ao velho Ligt: "Não é verdade que a minha filha já toca divinamente?..."

E o Mestre respondeu sorrindo: "Ela também, tem um piano divino."

DANIEL RUVINA
RUA FORMOSA, 173
P O R T O